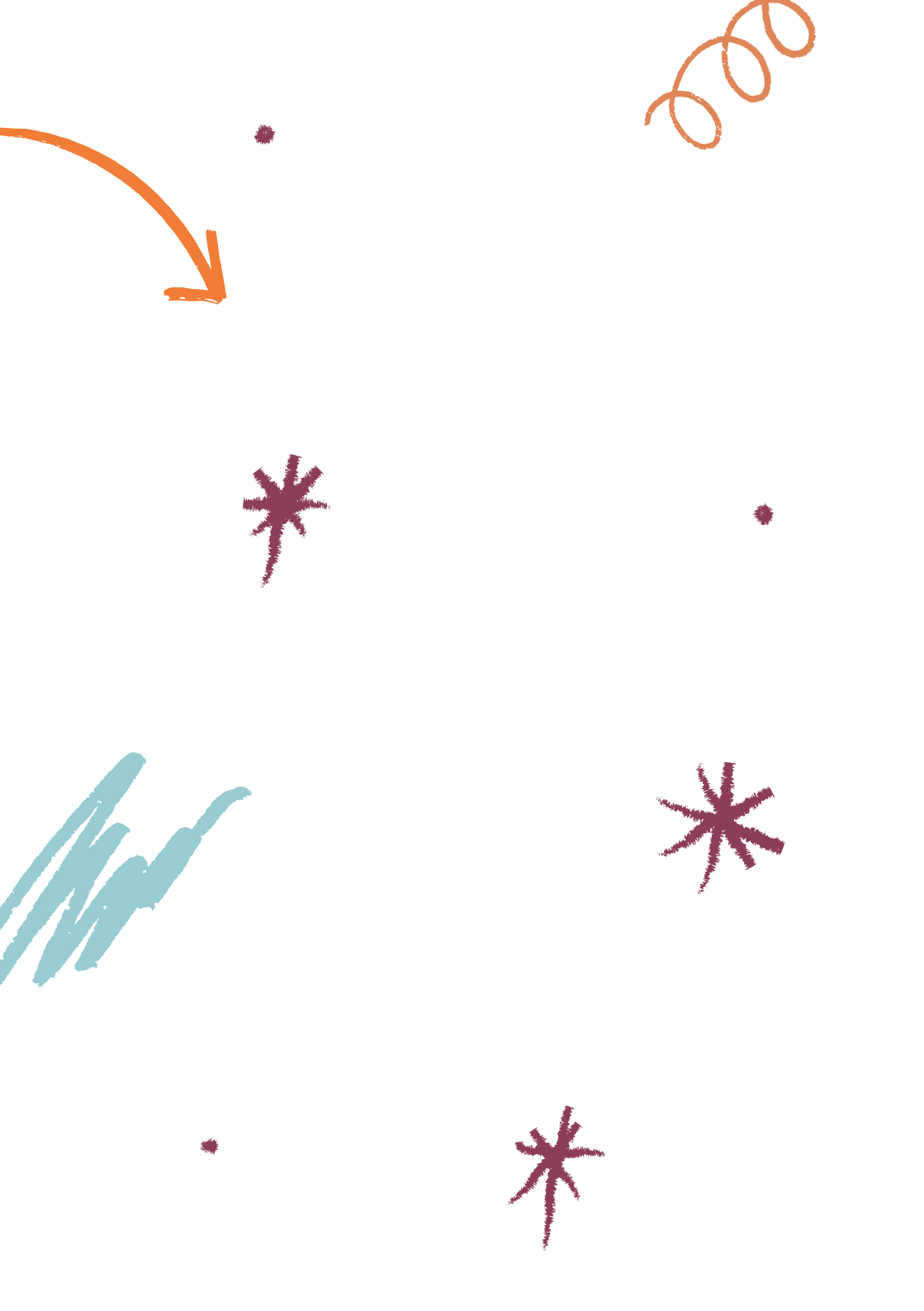


Guia de Leitura de Poesia



Plano
Nacional
de Leitura
2027





Guia de Leitura de Poesia



**Plano
Nacional
de Leitura**
2027

ÍNDICE

4	1.	Ler poesia: porquê?	41	3.4.	Poemas e atividades para o 3.º Ciclo:
6	2.	Ler poesia: o quê e como?	42		<i>"Todos os planetas são feitos de gargalhadas",</i>
11	3.	Ler poesia: que poemas, quando e como?			de Mário-Henrique Leiria e João Artur Silva
11	3.1.	Poemas e atividades para o Pré-Escolar:	44		<i>"Actuação escrita",</i> de Pedro Oom
12		<i>"Bichinho de conta",</i> de Sidónio Muralha	46		<i>"No more tears",</i> de Adília Lopes
14		<i>"badalim, badalão",</i> de José António Franco	48		<i>"Volto para casa",</i> de Diego Valverde Villena
16		<i>"Amor",</i> de Matilde Rosa Araújo	51	3.5.	Poemas e atividades para o Ensino Secundário:
18		<i>"Um chapéu alto alto alto",</i> de António José Forte	52		<i>"Breve reflexão filosófica",</i> de Nuno Júdice
21	3.2.	Poemas e atividades para o 1.º Ciclo:	54		<i>"Prece no Mediterrâneo",</i> de Ana Luísa Amaral
22		<i>"Elefone",</i> de Laura E. Richards	56		<i>"Primeiro domingo",</i> de Manuel António Pina
24		<i>"A mosca tosca",</i> de José Jorge Letria	58		<i>"Instruções para viver uma vida",</i> de Mary Oliver
26		<i>"O Pato",</i> de Vinícius de Moraes	62	4.	Bibliografia
28		<i>"Na praia",</i> de Renata Pallotini			
31	3.3.	Poemas e atividades para o 2.º Ciclo:			
32		<i>"Estava com vontade de te dar alguma coisa",</i>			
		de Afonso Cruz			
34		<i>"Gralhas",</i> de Eduardo Jorge Duarte			
36		<i>"Cinegética",</i> de Mário-Henrique Leiria			
		e João Artur Silva			
38		<i>"Claraboia",</i> de João Pedro Mésseder			

1.

Ler poesia: porquê?

A poesia tem o poder de despertar a criatividade, desenvolver o pensamento crítico e estimular a sensibilidade dos leitores. No entanto, o seu ensino nas escolas tem sido frequentemente limitado ao estudo formal de autores, períodos literários e estruturas métricas, deixando em segundo plano o potencial que tem para transformar e enriquecer a experiência de desenvolvimento pessoal, cultural e de pensamento crítico dos alunos.

A leitura de poesia deve ser abordada na sua totalidade: por um lado, como forma de desenvolver a consciência fonológica e de alargar a variedade vocabular, treinando a atenção para sons, ritmos, palavras; por outro, como uma experiência emocional e intelectual que nos inquieta, comove e desafia a refletir sobre o mundo e sobre nós mesmos. A poesia não é apenas um conjunto de palavras organizadas em harmonia, mas também um convite ao pensamento e à imaginação. Apesar da sua riqueza e diversidade, a poesia é muitas vezes encarada como hermética ou demasiado complexa. No entanto, pode também ser divertida e acessível, surpreendendo-nos com temas inesperados e imagens inusitadas. Talvez demorem algum tempo até encontrarmos os nossos poetas preferidos, mas essa descoberta vale a pena – e podemos até gostar de diferentes poetas conforme o nosso estado de espírito ou fases da vida.

Este guia propõe percursos de leitura adequados aos diferentes níveis de educação e ensino, oferecendo sugestões práticas e tópicos de reflexão para a exploração da poesia em contexto escolar. Com estas propostas para leitura extensiva, pretende-se que os alunos leiam – e releiam – os textos de forma autónoma.

Organizado por níveis de educação e ensino, o guia apresenta uma seleção de poemas de autores portugueses e estrangeiros, acompanhados de propostas de trabalho que incentivam uma leitura ativa e envolvente.

A investigação tem mostrado que muitos professores se sentem menos à vontade para ensinar poesia, preferindo outros géneros literários (Cremin, 2008). Além de se fundar nos benefícios da leitura poética, este guia procura fornecer estratégias concretas para que alunos e docentes possam aproximar-se da poesia de forma mais significativa. Acreditamos que a poesia deve ser vivida para além das páginas dos manuais e que a sua leitura pode tornar-se numa experiência transformadora, de crescimento pessoal e de respeito pela opinião do outro. Como sugere Phyllis Klein, a poesia “dá ritmo ao silêncio, luz à escuridão” – e é essa luz que esperamos ajudar a trazer para a sala de aula.

Regina dos Santos Duarte

Comissária do Plano Nacional de Leitura





2. Ler poesia: o quê e como?

2.1. Explorar o acervo da escola: hoje em dia, há inúmeras publicações de poesia de grande qualidade para diferentes idades. Enquanto os poemas de autores mais conhecidos, como Luísa Ducla Soares, Eugénio de Andrade ou Fernando Pessoa, continuam a ter um lugar nas aulas, é importante diversificar e estar atento às novidades editoriais.

Aquando da aquisição de títulos para atualizar as bibliotecas escolares, sugerimos que verifiquem, na secção de poesia, os livros disponíveis e integrem na lista títulos diversificados, como:

- Haikus
- Autores portugueses recentes
- Autores estrangeiros traduzidos
- Poesia sobre temas diversos – amor, paz, guerra, racismo, planeta ...
- Lengalengas
- Rimas infantis
- Poesia visual e experimental
- Poesia popular
- Poesia sem rima
- Poesia do absurdo

2.2. Páginas de poesia na internet ou nas redes sociais podem também revelar-se um bom recurso. Além disso, poderão consultar o catálogo do Plano Nacional de Leitura, atualizado a cada seis meses, cruzando a entrada “Idade” com o tema “Poesia”.

2.3. Incluir a leitura regular de poesia na aula, como um exercício de leitura para fruição, e não apenas para análise. Muitos poemas podem, e devem, ser lidos pelo ritmo, pela entoação, pelo inesperado, pela relação afetiva que criam com o leitor, sem a necessidade de análise formal.

2.4. A leitura do poema deve começar pela sua fisicalidade: é um poema extenso ou curto? Os versos são curtos ou longos? Há algum aspeto na disposição na página que chame a atenção?

2.5. A análise formal deve surgir como uma necessidade de compreensão ou de esclarecimento de aspetos-chave na leitura do poema. Não deve ser o poema um pretexto para se estudarem figuras de estilo ou tempos verbais. Olhar para as palavras como pistas para a compreensão é uma estratégia de análise que os alunos devem aprender: qual o objetivo das repetições? Há palavras que não conhecem? Que palavras se relacionam? Que relações estabelecem: de complementaridade? De oposição?

As questões formais devem sempre ser enquadradas por perguntas mais gerais: que momentos de surpresa oferece o poema? De quem é a voz? A quem se dirige? Que efeito pretende alcançar?

2.6. Deve recorrer-se com frequência à leitura em voz alta. A poesia foi escrita para ser lida assim. A voz dada à poesia torna-a inteira e perceptível. Devem ser criados momentos para leitura em voz alta de poesia, na sala de aula. Não se deve confundir esta leitura com declamação. A leitura em voz alta é uma leitura clara e pausada do poema. A leitura expressiva ou a declamação têm objetivos diferentes: a leitura expressiva é já uma interpretação do poema e só deve acontecer depois de ele ser compreendido; a declamação é um exercício de memória, necessário, mas com esse fim claro. A leitura em voz alta deve ser repetida: para os alunos tomarem consciência dos sons, num primeiro momento, e compreenderem o sentido, num segundo momento.

2.7. Criar com os alunos, em locais visíveis, coleções de poemas de diferentes estilos, origens e temáticas. Os alunos devem contactar com poemas muito distintos para poderem encontrar aqueles que dialogam consigo. Se há alunos que se sentem mais desafiados pelo humor, outros gostarão de um tom mais dramático, outros de temas mais épicos. Os grandes poetas do mundo inteiro escreveram sobre todos estes temas, em registos variados, e é importante que os alunos acedam a esta variedade e a partilhem.

2.8. Criar momentos para discutir as percepções dos alunos em relação à poesia. A ideia de que a complexidade é sinónimo de qualidade é superficial e sem correspondência com a realidade. Os poemas de poetas sufis, como Hafez ou Rumi, apesar de fazerem parte do cânone literário poético da humanidade, são de uma simplicidade surpreendente. A profundidade da discussão, por vezes, é inversamente proporcional à simplicidade formal do poema, como se pode ver nas propostas para o poema de Mary Oliver, na página 60.

2.9. Evitar seleccionar poemas demasiado complexos para a idade/desenvolvimento cognitivo dos alunos. Quando tal sucede, muitas vezes o professor pode cair na tentação de fornecer uma paráfrase do poema, o que retira ao aluno a possibilidade de se envolver ativamente na compreensão do texto. Quando é necessário ler poemas muito complexos, o professor deve colocar andaimes para a compreensão e fornecer aos alunos estratégias de leitura que os levem a desenvolver competências complexas de leitura. Não se trata de retirar o esforço de compreender o poema, mas antes de preparar os alunos para exercerem a compreensão. Ver, como exemplo, os recursos LOSA II, no portal do Plano Nacional de Leitura, alguns deles destinados à poesia.

2.10. Incentivar múltiplas interpretações. A subjetividade da leitura de poesia deve ser incentivada. Sabemos que as experiências individuais condicionam a forma como lemos, pelo que se deve criar espaço para leituras diferentes e inesperadas. O limite é o do texto: se os alunos se habituarem a justificar as suas interpretações com elementos do texto, habituem-se, num exercício de metacompreensão, a comparar as suas conclusões com o material textual.

2.11. Pensar em momentos de socialização da leitura de poesia: os alunos podem sugerir poemas para situações diversas, partilhando-os com colegas ou com toda a comunidade educativa, em fóruns diversos. Também podem organizar clubes de leitura só de poesia, por exemplo. A criação de poemários temáticos é uma prática que permite partilhar com todos a fruição de poemas variados. Sugerimos que vejam os exemplos já criados pelo Plano Nacional de Leitura, disponíveis no portal, em Recursos, para se inspirarem.



3.

LER POESIA: QUE POEMAS,
QUANDO E COMO?

3.1.

**Poemas e atividades
para o Pré-Escolar**

Bichinho de conta

Bichinho de conta
 conta...
 E o bichinho de conta
 contou
 que um dia
 se enrolou
 e parecia
 um berlinde pequenino
 de tal maneira
 que um menino
 de brincadeira
 com ele jogou...

Bichinho de conta
 conta...

E o bichinho de conta
 contou.

Sidónio Muralha, in *Bichos, bichinhos e bicharocos*,
 Althum.com

Atividades

Dramatização do poema, encorajando as crianças a enrolarem-se como um bichinho de conta. Esta atividade permite o uso do corpo para a expressão, em conjunto com a palavra poética.

Seleção de outros animais para criarem poemas.
 Esta seleção pode ser discutida com os alunos: escolhemos animais enormes? Pequeninos? Perigosos ou amigos?

Tópicos de discussão

Quem já viu um bichinho de conta?
 O que faz ele quando se sente ameaçado?

Como podemos transformar um pequeno acontecimento do dia a dia numa história divertida?

badalim, badalão

badalim, badalão
 macaco macacão
 tu não és boa rês
 um dois três
 trocaste os ovos no ninho
 da galinha pedrês
 que grande confusão
 badalim badalão

José António Franco, in *Versos de respirar*,
 Livros do Corvo

Atividades

Leitura ritmada com acompanhamento de instrumentos improvisados.

Criação de novos versos seguindo a estrutura do poema e escolhendo a rima com os alunos: em -ão? Em -inho?

Tópicos de discussão

Que sons se repetem no poema?

Como tornam a leitura mais divertida?

Que outros sons do dia a dia podemos escolher para fazer poemas?

O que acharam mais divertido no poema? Os sons? A situação?

Amor

Mãe, as flores adormecem
Quando se põe o sol!

Filha, para as adormecer
Canta o rouxinol...

Mãe, as flores acordam
Quando nasce o dia!

Filha, para as acordar
Canta a cotovia...

Mãe, gostava tanto de ser flor!
Filha, eu então seria uma ave...

Matilde Rosa Araújo, in *O livro da Tila*,
Caminho

Atividades

Dramatização do poema, com um grupo a representar as flores, e outro, as aves.

Audição de gravações do canto do rouxinol e da cotovia e imitação dos sons.

Criação de uma coreografia em que as crianças “adormecem” como flores e “acordam” ao som de um passarinho cantando.

Produção (em texto ou desenho) de uma carta de amor para uma flor ou um passarinho, na qual as crianças dizem porque gostam deles.

Se possível, passeio num jardim ou parque para observar flores e ouvir o canto dos pássaros.

Escolha de uma flor favorita e imitação dos seus movimentos ao longo do dia.

Tópicos de discussão

As flores adormecem e acordam? Tentar observar na natureza ou em vídeo. Será diferente o sono das flores?

Há pássaros que cantam em diferentes partes do dia. Sabem quais são? Ouvir os sons.

Como mostramos amor às pessoas de quem gostamos? E à natureza? E às flores? E aos animais?

Um chapéu alto alto alto

Um chapéu alto alto alto
e dentro dele um coelho
tudo em cima da cabeça
dum homem já muito velho

quando o homem muito velho
tirava o chapéu alto alto
ficava à vista o coelho

o coelho dava um salto
ficava à vista a careca
do homem já muito velho

António José Forte, in *Uma rosa na tromba de um elefante*,
Orfeu Negro

Atividades

Encenação do episódio descrito no poema.

Invenção de outros objetos surpreendentes que possam estar dentro do chapéu.

Tópicos de discussão

O que faz com que este poema seja engraçado?

Que outros objetos podem ter surpresas no interior?

Podemos contar histórias com estas surpresas?

3.

LER POESIA: QUE POEMAS,
QUANDO E COMO?

3.2.

**Poemas e atividades
para o 1.º Ciclo**

Elefone

Era uma vez um elefante
que tentou usar o telefante.
Não! Não! Era um elefone
que tentou usar um telefone.
(Mas o que é que estou a dizer...
Isto assim não dá para entender.)

Seja como for, ficou com a tromba
enrolada no teletromba
e quanto mais a tentava soltar
mais alto tocava o telefar.
(Enfim, acho melhor acabar este poema
do elefar e do telefema!)

Laura E. Richards, in *O tigre na rua e outros poemas*,
Bruaá

Atividades

Jogos de palavras combinando nomes de animais e objetos.

Os alunos escolhem novos pares para criar uma situação disparatada: uma caneca e uma avestruz, por exemplo.

Dependendo do nível de participação dos alunos, o professor pode apresentar cartões com objetos e outros com animais, para os alunos escolherem. Devem pensar no potencial de disparate de cada objeto para cada animal.

Dramatização do poema em pequenos grupos.

Tópicos de discussão

Quais são as palavras inventadas?

Tornam a poesia mais divertida? Porquê?

Qual é a diferença entre uma história e um poema?

Gostam de histórias desastradas? Porquê?

A mosca tosca

Uma mosca
 negra e tosca
 bateu na vidraça fosca
 de um teatro
 onde se cantava a “Tosca”.
 Atordoadas,
 poisou numa rosca,
 escorregou no creme
 e arranhou marosca.
 Veio a Tosca
 com pose de artista,
 bebeu uma mosca
 e comeu uma tosca-mista.

José Jorge Letria, in *O livro das rimas traquinas*,
 Fábula

Atividades

Continuação do poema, com novos acidentes da mosca.
 (Imaginem que a Tosca se engasgou e a mosca saltou.
 O que lhe aconteceu de seguida?)

Criação de um novo poema, substituindo a mosca por um
 animal muito maior, e comentário sobre o seu efeito cómico.

Tópicos de discussão

Quais são os dois significados de “tosca” e como contribuem
 para a confusão que se gera?

Que outras histórias engraçadas se podem contar em verso?
 O que é necessário fazer? (Os alunos podem listar os passos,
 escolher as personagens, a situação, até a rima a utilizar,
 a progressão do poema e o seu efeito cómico).

O Pato

Lá vem o Pato
Pata aqui, pata acolá
Lá vem o Pato
Para ver o que é que há.

O Pato pateta
Pintou o caneco
Surrou a galinha
Bateu no marreco
Pulou do poleiro
No pé do cavalo
Levou um coice
Criou um galo
Comeu um pedaço
De jenipapo
Ficou engasgado
Com dor no papo
Caiu no poço
Quebrou a tigela
Tantas fez o moço
Que foi pra panela.

Vinicius de Moraes, in *A arca de Noé*,
Tinta-da-china

Atividades

Leitura dramatizada com sons e gestos. Antes disso, é importante que o professor leia este poema em voz alta, com boa entoação e respeitando o ritmo acelerado e sincopado do poema.

Criação de um novo poema sobre outro animal ou reescrita do final, oferecendo ao pato um final feliz.

Tópicos de discussão

O que torna este poema divertido?

A que acharam mais piada: à aventura do pato, à sucessão rápida de acontecimentos, à rima?

Que outras histórias engraçadas conhecemos sobre animais?

Na praia

Vou à praia, vou ao mar,
vou ver sereia, baleia,
depois volto carregando
areia...

Tem tanta areia na praia,
tanta areia em minha saia,
tanta areia no meu quarto,
tanta areia na laranja...

Minha boca é só areia.
Arre!

Cuspi um “erre”.

Renata Pallotini, in Ruth Rocha (org.), *Poemas que escolhi para crianças*, Salamandra

Atividades

Listagem de memórias que tenham da praia: sons, texturas, cheiros.

Brincadeiras com palavras e sons: o que significa cuspir um “erre”? Qual o efeito pretendido com a repetição deste som em “Arre” e “erre”?

Listagem de palavras que imitem sons da natureza (*chhhhh* para as ondas, *zum*, *puf*, etc.).

Leitura dramática com sons do mar. Leitura expressiva do poema, incentivando os alunos a criar sons com a boca ou com objetos para imitar o mar, o vento e a areia quando é soprada pelo vento.

Tópicos de discussão

Por que razão a areia é tão divertida, mas tão aborrecida ao mesmo tempo? (Quem não provou já areia na bola de Berlim?)

Além da areia, o que mais trazem da praia?

A poeta diz que vai ver “sereia” e “baleia”. Que outros cenários mágicos podemos imaginar no mar?

E que personagens escolheriam? Ou que animais?

3.

LER POESIA: QUE POEMAS,
QUANDO E COMO?

3.3.

**Poemas e atividades
para o 2.º Ciclo**

ESTAVA COM VONTADE DE TE DAR ALGUMA COISA

ESTAVA COM VONTADE DE TE DAR ALGUMA COISA,
UMA COISA ESPECIAL,
DISSE EU À INÊS,
MAS, AO CONTRÁRIO DO MEU VIZINHO,
NÃO TENHO PISCINA PARA NADARMOS JUNTOS NO VERÃO
POR ISSO LIMITO-ME A OFERECER-TE
UM PÁSSARO A VOAR
AO FIM DA TARDE.

ALI.

OLHA.

Afonso Cruz, in *Os pássaros (dos poemas voam mais alto)*,
APCC

Atividades

Enumeração de outras coisas que possamos oferecer, mesmo que não sejam nossas. De que forma são um presente?

Criação de um poema ao estilo do de Afonso Cruz, com uma dessas coisas enumeradas.

Comparação com o poema “Sei um ninho”, de Miguel Torga. Não se trata só de oferecer, mas de aproveitar o que a natureza nos oferece.

Tópicos de discussão

Os elementos da natureza pertencem-nos?

É diferente se for um animal ou se for uma paisagem?

Mostrar aspetos belos ou surpreendentes do mundo é um presente?

Ensinar a olhar é um presente? E é sempre um presente bom?

Em que casos pode ser um presente duro e difícil?

Gralhas

Aconteceu assim, numa escola
Do campo.
A professora mandou os alunos
Escreverem uma redacção.
«O tema é livre», disse.
No dia seguinte,
Um menino apresentou
Um texto original,
Era sobre pássaros.
As palavras estavam
Desenhadas a preto,
Reunidas em bando,
Tinham sombras nos bicos,
Asas nas sílabas,
Faziam muito barulho,
Num canto rouco
Que quase não se deixava perceber.
A professora chamou o menino,
Perguntou-lhe o que era aquilo.
«Este texto está cheio de gralhas», disse,
Assinalando-as a vermelho.
O menino voltou para casa,
Comprometendo-se a apresentar
O mesmo texto, mas sem gralhas.
No dia seguinte, a professora
Abriu o caderno.

As folhas estavam em branco.
À semelhança do dia anterior,
A professora perguntou
O que era aquilo.
«O texto já não tem gralhas.
A professora matou-as todas ontem
Com tiros vermelhos», disse o menino.

Eduardo Jorge Duarte, in *Gralhas*, On y Va

Atividades

Identificação dos dois significados de “gralhas” presentes no poema. Estabelecimento da ligação entre as “gralhas” pássaros e as “gralhas” linguísticas.

Reconstituição da imagem do bando de gralhas com um poema visual.

Tópicos de discussão

Qual é o elemento surpreendente no poema?

A professora mata as gralhas “com tiros vermelhos”. Por que razão esta passagem nos perturba e incomoda?

A professora deveria ou não “matar” as gralhas?

Cinegética

Um caçador
perdeu a cedilha
e por isso
sua mulher
nunca mais
quis ir à caça
com ele
sem cedilha

Mário-Henrique Leiria e João Artur Silva, in *Obras completas de Mário-Henrique Leiria*, vol. II – Poesia, E-Primatur

Atividades

Alteração do poema retirando-lhe as cedilhas.
Leitura do poema resultante. Comentário sobre o efeito cômico e explicação da atitude da mulher.

Leitura deste poema imediatamente a seguir ao anterior, “Gralhas”, de Eduardo Jorge Duarte. Discussão acerca do que são gralhas num e noutro.

Criação de um poema semelhante, escolhendo outras palavras que possam mudar de significado quando se retira a cedilha ou em resultado de um erro ortográfico: moça/ moca; maçã/ maca; coser/ cozer; concerto/ conserto, entre outros.

Tópicos de discussão

Como pode a troca de palavras mudar completamente o sentido de um texto? Que exemplos temos?

A poesia que devemos ler pode ter disparates ou deve ser só sobre assuntos muito sérios?

Claraboia

A claraboia
gosta de sol
gosta da noite
gosta de estrelas
gosta da Lua
gosta de névoas
mas, mais que tudo,
gosta de chuva percutindo o vidro
como baquetas numa tarola.
É da música da chuva
que ela mais gosta,
Pois assim todos dão conta
de que está ali, junto ao telhado, a claraboia.

João Pedro Mésseder, in *Coisas que gostam de coisas*,
Caminho

Atividades

Escuta ativa: escuta do som da chuva e, ao mesmo tempo, descrição das sensações que provoca.

Escrita criativa: cada aluno escreve sobre um objeto que “gosta de coisas”, seguindo o estilo do poema.

Ilustração: criação de um desenho da claraboia em diferentes momentos do dia ou sob diferentes tipos de clima.

Tópicos de discussão

De que forma é que a claraboia é tornada humana?

O que nos faz isso sentir?

De que maneira os elementos naturais (sol, chuva, estrelas) mudam a forma como vemos a paisagem?

E mudam a forma como nos sentimos ou não?

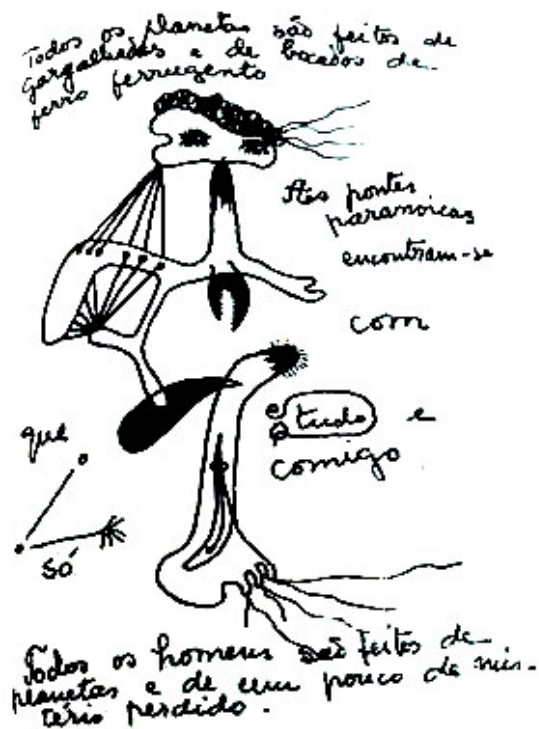
3.

LER POESIA: QUE POEMAS,
QUANDO E COMO?

3.4.

**Poemas e atividades
para o 3.º Ciclo**

Todos os planetas são feitos de gargalhadas



Mário-Henrique Leiria e João Artur Silva, in *Obras Completas de Mário-Henrique Leiria*, vol. II - Poesia, E-Primatur

Atividades

Comparação do poema com outros poemas visuais e identificação de diferenças e semelhanças.

Enumeração dos tipos de gargalhada que conhecem, com reprodução de cada um, relacionando o que isso implica em termos de planetas diferentes (gargalhada irônica, de nervosismo, de felicidade).

Será a Terra feita de apenas um tipo de gargalhada?

Composição de um poema semelhante, substituindo gargalhadas por outras manifestações: um planeta feito de sussurros, um planeta feito de abraços...

Tópicos de discussão

Por que razão a gargalhada pode ser considerada uma forma de comunicação universal?

Que emoções podem estar escondidas numa gargalhada?
Será sempre um sinal de felicidade?

O que torna este poema diferente de outros que já lemos?
Como é que o humor e as formas gráficas influenciam a forma como interpretamos a poesia?

Actuação escrita

Pode-se escrever

Pode-se escrever sem ortografia
 Pode-se escrever sem sintaxe
 Pode-se escrever sem português
 Pode-se escrever numa língua sem saber essa língua
 Pode-se escrever sem saber escrever
 Pode-se pegar na caneta sem haver escrita
 Pode-se pegar na escrita sem haver caneta
 Pode-se pegar na caneta sem haver caneta
 Pode-se escrever sem caneta
 Pode-se sem caneta escrever caneta
 Pode-se sem escrever escrever plume
 Pode-se escrever sem escrever
 Pode-se escrever sem sabermos nada
 Pode-se escrever nada sem sabermos
 Pode-se escrever sabermos sem nada
 Pode-se escrever nada
 Pode-se escrever com nada
 Pode-se escrever sem nada

Pode-se não escrever

Pedro Oom, in *Poemas de bibe*, Público

Atividades

Discussão do sentido literal de alguns versos: pode-se escrever numa língua sem saber essa língua? Pode-se escrever sem se saber escrever?

Criação de um poema coletivo, acrescentando variações a “pode-se escrever sem...”. Em alternativa, os alunos podem substituir “escrever” por “falar”: Pode-se falar sem...

Tópicos de discussão

O que significa “escrever”? Podemos escrever sem palavras?

Qual é a liberdade que temos para escrever como queremos? Em que contextos?

Como é que a estrutura repetitiva do poema nos faz pensar sobre a linguagem?

O que acontece quando desafiamos as regras da escrita?

No more tears

Quantas vezes me fechei para chorar
na casa de banho da casa da minha avó
lavava os olhos com shampoo
e chorava
chorava por causa do shampoo
depois acabaram os shampoos
que faziam arder os olhos
no more tears disse Johnson & Johnson
as mães são filhas das filhas
as filhas são mães das mães
uma mãe lava a cabeça da outra
e todas têm cabelos de crianças loiras
para chorar não podemos usar mais shampoo
e eu gostava de chorar a fio
e chorava
sem um desgosto sem uma dor sem um lenço
sem uma lágrima
fechada à chave na casa de banho
da casa da minha avó
onde além de mim só estava eu
também me fechava no guarda-vestidos grande
mas um guarda-vestidos não se pode fechar por dentro
nunca ninguém viu um vestido a chorar

Adília Lopes, in *Dobra. Poesia reunida II*,
Assírio & Alvim

Atividades

Evocação de memórias de infância. Escolha da memória, das personagens, do espaço, e narração da memória em verso, ao estilo do poema lido.

Discussão sobre a forma como as emoções são expressas na poesia: é possível gostar de chorar? Em que situações? Esconder o choro é habitual? Em que contextos? E em família?

Tópicos de discussão

A inclusão de uma referência publicitária contribui para o humor no poema.

Como usa a poeta humor e melancolia ao mesmo tempo?

Como é que a repetição de imagens fortalece o impacto do poema?

Volto para casa

Volto para casa
mais uma vez
com sete livros.

Dirão que engulo o conhecimento
que é tudo pose,
que ninguém consegue ler tanto nem tão rápido;
que, como os outros, não desfruto
da leitura;
que isso faz parte da minha fúria numérica;
que sentido faz se não fico com cara
erudita e circunspecta.

Eles não suspeitam, nem remotamente,
da verdade:
gosto da rapariga da livraria.

Diego Valverde Villena, trad. Jorge Sousa Braga
(Página própria)

Atividades

Discussão sobre hábitos de leitura: cada aluno partilha quantos livros leva para casa e como escolhe as suas leituras.

Reflexão sobre o último verso: o que se passa antes?
O que esclarece este verso? É inesperado?

Escrita criativa: os alunos escrevem um poema sobre um hábito ou um comportamento que esconda um segredo inesperado.

Tópicos de discussão

Há muitos preconceitos sobre leitores e a forma como são vistos na sociedade? Em relação ao que leem? À quantidade de livros que leem? Estes preconceitos terão efeitos sobre a vontade de ler e os hábitos de leitura?

Que outros motivos inesperados podem levar alguém a ler?

3.

LER POESIA: QUE POEMAS,
QUANDO E COMO?

3.5.

**Poemas e atividades
para o Ensino Secundário**

Breve reflexão filosófica

Queria encontrar uma palavra, entre a saudade
e o absoluto, que me permitisse pensar sobre a vida,
isto é, sobre alguma coisa. Pôr-me-ia no lugar do filósofo
e começaria por dizer que, se a vida
é alguma coisa, será no absoluto desse algo que
algo surgirá para iluminar o pensamento. Porém,
as distrações da vida começam a impor-se
entre mim e esse pensamento que procuro. Canso-me
de não saber mais do que aquilo que faz parte
deste mundo que me rodeia: o mundo
por onde passa um rio que não vejo e as únicas árvores
são essas que ainda crescem ao longo das avenidas,
sob o fumo do passado que esconde a névoa
do futuro. Podia pegar num caderno de apontamentos
e percorrer as folhas em branco: aí, nesse vazio de palavras,
a palavra essencial é o nada que a preenche
da primeira à última. Então, começo a escrever
como se isso me ajudasse a encontrar um sentido; e
acabo com a saudade do caderno vazio
perante o absoluto das palavras que o enchem.

Nuno Júdice, in *A mais frágil das moradas – Poemas
à memória de Eduardo Lourenço*, Guerra e Paz

Atividades

Reflexão sobre as questões existenciais referidas no poema.

Debate sobre a forma que o poeta encontra para dar sentido
à vida e quais os resultados alcançados.

Formulação de diferentes conselhos possíveis para o poeta:
no sentido de aceitar, de resolver, de negar o sentido da vida.

Tópicos de discussão

Que outras grandes questões da humanidade é habitual encontrar
na poesia? Porquê?

Como podem as palavras representar o absoluto e o nada?

Como espécie, recorreremos às palavras para explicar a vida. Que sucesso
tem esta empreitada humana?

Prece no Mediterrâneo

Em vez de peixes, Senhor,
dai-nos a paz,
um mar que seja de ondas inocentes,
e, chegados à areia,
gente que veja com o coração de ver,
vozes que nos aceitem

E tão dura a viagem
e até a espuma fere e ferve,
e, de tão alta, cega
durante a travessia

Fazei, Senhor, com que não haja
mortos desta vez,
que as rochas sejam longe,
que o vento se aquiete
e a vossa paz enfim
se multiplique

Mas depois da jangada,
da guerra, do cansaço,
depois dos braços abertos e sonoros,
sabia bem, Senhor,
um pão macio,
e um peixe, pode ser,
do mar

que é também nosso

Ana Luísa Amaral, in *O olhar diagonal das coisas*, Assírio & Alvim

Atividades

Discussão acerca do sentido habitual de “prece”. De que forma este poema é uma prece? Qual é o pedido feito?

Comparação do poema com situações recentes de imigração e de procura de refúgio que sejam do conhecimento geral.

Criação, a partir do poema, de um mural poético sobre a paz, a segurança, o refúgio.

Tópicos de discussão

Como é que a poesia e/ou outras artes podem ser uma forma de resistência? Serão elas eficazes?

De que maneira este poema nos aproxima de uma realidade que só conhecemos de noticiários e que é distante daquela em que vivemos?

Primeiro domingo

A tarde estava errada,
não era dali, era de outro domingo,
quando ainda não tinhas acontecido,
e apenas eras uma memória parada
sonhando (no meu sonho) comigo.

E eu, como um estranho, passava
no jardim fora de mim
como alguém de quem alguém se lembrava
vagamente (talvez tu),
num tempo alheio e impresente.

Tudo estava no seu lugar
(o teu lugar), excepto a tua existência,
que te aguardava ainda, no limiar
de uma súbita ausência,
principalmente de sentido.

Manuel António Pina, in *Poesia reunida (1974-2001)*,
Assírio & Alvim

Atividades

Porquê o título “Primeiro domingo”? O domingo pode simbolizar um dia de descanso, de recomeço ou até de solidão.
Como é que o título dialoga com o poema?

De que forma passado, presente e futuro parecem misturar-se?
Que atmosfera é criada com esta mistura?

O que significa “ser uma memória parada” antes mesmo de existir?

Com inspiração no poema, produção de um pequeno texto sobre um momento importante antes de ele realmente acontecer.
Pode ser um encontro, uma descoberta ou uma mudança de vida.
Devem refletir sobre a passagem do tempo e a velocidade a que o sentimos passar.

Tópicos de discussão

A ideia de ausência e espera:

O sujeito poético parece deslocado no tempo, à espera que aconteça alguma coisa que dê sentido à realidade.
O que revela isso sobre a experiência humana?

Já vivemos momentos em que sentimos que o essencial da nossa vida ainda não aconteceu?

O poema sugere um encontro que ainda não aconteceu.
Tratar-se-á de um encontro de amor, de amizade ou de outro tipo?

A relação entre espaço e ausência:

O poema menciona um jardim, um lugar físico que parece existir fora do tempo do sujeito. De que forma os lugares guardam memórias e ausências?

Alguma vez estivemos num lugar que parecia “esperar” por alguém ou algo? Exemplos?

Instruções para viver uma vida

Instruções para viver uma vida:

Presta atenção.

Espanta-te.

Fala disso.

Mary Oliver, in *Pássaro vermelho*, Flâneur

Atividades

Diário do espanto:

Durante uma semana, os alunos anotam diariamente algo que os tenha surpreendido ou lhes tenha despertado curiosidade.

No final, cada um escolhe uma experiência para partilhar com a turma.

Fotografia poética:

Cada aluno tira uma fotografia a algo comum, mas que represente “prestar atenção”.

Depois, escreve um pequeno texto explicando por que motivo aquele objeto, cena, cenário o espantou.

Outras leituras:

Leitura de outros textos que abordem a atenção e a contemplação, como, por exemplo, trechos de Walt Whitman, Fernando Pessoa ou Alberto Caeiro.

Comparação do poema de Mary Oliver com esses outros textos. Discussão sobre diferenças e semelhanças na abordagem desses autores.

Tópicos de discussão

O que significa “prestar atenção”?

Como a distração afeta a nossa capacidade de observar o mundo?

O que significa manter um olhar curioso e aberto para a vida?

Qual é a importância de partilhar?

Por que motivo partilhar experiências e emoções é essencial para a vida humana?

Podemos “falar disso” apenas com palavras ou há outras formas de o expressar (arte, música, gestos)?

O que nos ensina este poema sobre felicidade?

Prestar atenção, maravilhar-se e partilhar parece ser uma fórmula simples para resolver a complexidade da vida.

Poderá ser uma fórmula suficiente para viver bem?

O que é o Minimalismo na poesia?

Qual é a relação entre a premissa inicial (primeiro verso) e os outros versos?

Que impacto tem no leitor a estrutura curta e direta?



BIBLIOGRAFIA

- Alexander, Meena. 2013.** “What Use is Poetry?”. *World Literature Today* (September). <http://www.worldliteraturetoday.org/2013/september/what-use-poetry-meena-alexander>.
- Azevedo, F. & Silveira, F. 2017.** *A Poesia: estratégias para experimentar e fruir em sala de aula*. Unisul.
- Benton, P. 1999.** “Unweaving the Rainbow: Poetry Teaching in the Secondary School I”. *Oxford Review of Education* 25 (4): 521-531.
- Bramberger, A. 2015.** “Enhancing Literacy through Poetry: Two Historical Initiatives – Revisited”. *Journal of Poetry Therapy* 28 (4): 237-249.
- Cremin, T., M. Mottram, E. Bearne, e P. Goodwin. 2008.** “Exploring Teachers’ Knowledge of Children’s Literature”. *Cambridge Journal of Education* 38 (4): 449-464.
- Dymoke, S., A. Lambirth, e A. Wilson (eds). 2015.** *Making Poetry Matter: International Research on Poetry Pedagogy*. Londres e Nova Iorque: Bloomsbury.
- Cruz, G. 2009.** *A vida da poesia*. Assírio & Alvim.
- Eagleton, T. 2024.** *Como ler um poema*. Edições 70.
- Fecho, B., K. Amatucci, e S. Skinner. 2007.** “Deep Winters, Invincible Summers: Teaching English for Existential Purposes”, in V. Ellis, C. Foxand B. (eds) *Rethinking English in Schools: Towards a New and Constructive Stage*. Bloomsbury Academic.
- Jean, G.; Garralón, A; Lapuente, F. 1996.** *La poesía en la escuela – Hacia una escuela de la poesía*. 1.^a ed. Madrid: Ediciones de la Torre.

- Lourenço, E. 2002.** *Poesia e Metafísica*. Gradiva.
- Ramos, A. M. 2007.** “Dos sons aos sentidos – O texto poético para a infância e a juventude”, in *Livros de Palmo e Meio – Reflexões sobre literatura para a infância*. Caminho.
- Rasinski, T. 2014.** “Tapping the Power of Poetry”. *Educational Leadership*, 72 (3): 30-34.
- Reis da Silva, Sara & Martins, Diana. 2021.** “Poesia para pré-leitores e livros-objeto: uma leitura por/com prazer”. *Revista Letras Raras*.
- Rumbold, K. & all.** *Cultural Value: The Uses of Poetry: Measuring the Value of Engaging with Poetry in Lifelong Learning and Development. 2013-14*. Arts & Humanities Research Council.
- Simecek, K., & Rumbold, K. 2016.** “The Uses of Poetry”. *Changing English*, 23(4), 309-313. <https://doi.org/10.1080/1358684X.2016.1230300>.
- Stickling, S., M. Prasun, e C. Olsen. 2011.** “Poetry: What’s the Sense in Teaching It?”. *Illinois Reading Council Journal* 39 (3): 31-40.
- Xerri, D. 2014.** “Schools as ‘Poetry-Friendly Places’: Michael Rosen on Poetry in the Curriculum”. *Arts Education Policy Review* 115 (4): 151-158.



FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Guia de Leitura de Poesia

CONTEÚDOS

Regina Duarte

REVISÃO

Anabela Caldeira
Elisabete Soalheiro

SELEÇÃO DE POEMAS

Equipa PNL 2027

TIRAGEM

2000 unidades

APOIO À IMPRESSÃO

Pingo Doce

ARRANJO GRÁFICO, IMPRESSÃO E ACABAMENTO



ARTES GRÁFICAS
DESDE 1906

Dezembro de 2025



